

1

Convite à Teoria Fundamentada

Uma viagem tem início antes da partida dos viajantes. Da mesma forma, a nossa aventura pela teoria fundamentada também se inicia à medida que buscamos informações sobre o que requer uma jornada por essa teoria e o que esperar ao longo desse caminho. Investigamos o terreno coberto pela teoria fundamentada, o qual esperamos atravessar. Antes de partir, relembramos a história da teoria fundamentada durante o século XX e olhamos adiante para o seu potencial, ainda não efetivado, no século XXI. Nosso último passo antes de embarcarmos é a exposição de um mapa do método e deste livro.

Neste livro, convido você a fazer parte de uma jornada por um projeto de pesquisa qualitativa. Você poderia perguntar: O que essa jornada requer? Por onde começo? Como devo proceder? Quais obstáculos podem estar adiante? Este livro consiste de uma breve viagem pela coleta de dados e segue, então, uma trilha mais prolongada pela análise dos dados qualitativos. Ao longo do caminho, diversos roteiros facilitam o seu caminho nos processos analíticos e de redação. Em todas as partes da viagem subiremos aos níveis analíticos e promoveremos a importação teórica das suas ideias, enquanto mantemos os seus dados presos a uma forte amarra em terra firme.

Como deve ser a trajetória entre a coleta e a análise dos dados? Por um momento, vamos supor que você tenha iniciado a realização de entrevistas para um novo projeto de pesquisa que investiga o ataque súbito de uma grave doença crônica. Imagine encontrar a Margie Arlen durante o seu último ano do ensino médio. Margie, então, conta sobre as suas preocupações que acompanharam um rápido acesso de artrite reumatoide. Você reúne a seguinte sequência de eventos a partir da história narrada por ela:

Aos 14 anos, Margie era uma estudante brilhante, do tipo estudiosa e atlética. Ela estava claramente destinada ao sucesso na escola e fora dela. Os professores

percebiam os seus potenciais eruditos, os treinadores maravilhavam-se com sua destreza atlética e seus colegas a viam como alguém que pertencia a uma classe que estava bem além deles. Então, a saúde dela deteriorou-se rapidamente em função da artrite. Em alguns meses, ela passou da situação de ser como um raio no campo de futebol a outra na qual mal conseguia caminhar. A admiração que os demais estudantes lhe conferiam transformou-se em distância e desdém. Em um determinado momento, seus talentos e habilidades a haviam separado da multidão que clamava à sua volta. Agora, era a faixa em seu pescoço e seus movimentos desajeitados que a mantinham à margem, uma vez que os colegas a evitavam silenciosamente. No entanto, Margie aprendeu lições mais profundas.

Ela disse:

Isso (a doença e a incapacidade física) me ensinou coisas importantes, como, por exemplo, eu costumava ser realmente introvertida e, de certa forma, tinha medo de falar com outras pessoas. Mas agora é como se eu sentisse que posso levar comigo as minhas habilidades, sair e falar com as pessoas e me tornar uma amiga, daquelas que estimulam as pessoas e coisas desse tipo. E achei que isso é, de certa forma, mais importante e gera mais autoestima apenas pelo fato de ser capaz de fazer coisas pelas pessoas, como servir em missões e coisas assim, do que, você sabe, ser capaz de ir lá e provar que é uma boa atleta. Portanto, isso me fez mudar nessa coisa de compreender melhor aquilo que é de fato importante.

Então, como entrevistador, você perguntou gentilmente, “O que é importante, então?”, ao que Margie respondeu,

Penso que, de várias formas, é o oposto de me fazer parecer bem, tem a ver com fazer com que os outros pareçam bem. Sempre fui perfeccionista, queria fazer tudo rápido. Se eu dizia que iria fazer algo, eu iria fazê-lo sem me importar com até que horas eu tivesse que ficar acordada... E esse tipo de coisa cobra um preço do nosso corpo; e quando compreendi que estava tudo bem em dizer, “olha, sinto muito, não posso fazer isso a tempo” ou algo assim, ou simplesmente dizer que não posso fazê-lo – a dizer “não” em primeiro lugar –, penso então que isso é importante, pois, de outro modo, a pessoa se afunda no chão se ela tiver uma doença crônica e se sentirá pior. Portanto, isso levou algum tempo para aprender. Mas penso no que é de fato importante, é como uma reordenação das suas prioridades. Concentrar-se naquilo que é importante e, então, fazer isso primeiro e deixar de lado o restante. (Charmaz, 2002b, p. 39s)

Agora, pense em como estudar histórias como a da Margie. De que forma você compreende o que Margie Arlen descreve? O que você percebe nas afirmações dela e que gostaria de investigar mais, tanto com ela quanto com outras pessoas que tenham passado por essa experiência, de perda de capacidade física? Imagine que você tenha buscado essas questões em um estudo qualitativo com o objetivo de desenvolver uma análise conceitual dos materiais. Como você conduziria a sua pesquisa de modo a tornar-se uma análise?

Os métodos da teoria fundamentada deverão ajudá-lo a começar, a permanecer envolvido e a concluir o seu projeto. O processo de pesquisa trará surpresas, despertará ideias e aguçará as suas habilidades analíticas. Os métodos da teoria fundamentada favorecem a percepção dos dados sob uma nova perspectiva e a exploração das ideias sobre os dados por meio de uma redação analítica já na fase inicial. Ao adotar os métodos da teoria fundamentada, você poderá conduzir, controlar e organizar a sua coleta de dados e, além disso, construir uma análise original dos seus dados.

Quais são os métodos da teoria fundamentada? Para simplificar, seus métodos baseiam-se em diretrizes sistemáticas, ainda que flexíveis, para coletar e analisar os dados visando à construção de teorias “fundamentadas” nos próprios dados. Essas diretrizes fornecem um conjunto de princípios gerais e dispositivos heurísticos, em vez de regras pré-formuladas (ver também Atkinson, Coffey e Delamont, 2003). Assim, os dados formam a base da nossa teoria, e a nossa análise desses dados origina os conceitos que construímos. Os pesquisadores que utilizam a teoria fundamentada reúnem dados para elaborar análises teóricas desde o início de um projeto. Tentamos descobrir o que ocorre nos ambientes de pesquisa nos quais integramos e como é a vida dos nossos participantes de pesquisa. Estudamos a forma como eles explicam seus enunciados e ações, bem como questionamos a compreensão analítica que podemos ter sobre eles.

Começamos por estar abertos ao que ocorre nas cenas estudadas e nos enunciados de entrevista de modo que possamos aprender sobre as vidas dos participantes da pesquisa. Prestamos atenção àquilo que vemos, ouvimos e sentimos durante a entrevista da Margie Arlen. Os pesquisadores adeptos à teoria fundamentada começam pelos dados. Construímos esses dados por meio das nossas observações, das interações e dos materiais que reunimos sobre o tópico ou sobre o ambiente. Estudamos as experiências e os eventos empíricos, seguindo as nossas intuições e ideias analíticas potenciais sobre eles. Boa parte dos métodos qualitativos permite aos pesquisadores acompanhar os dados interessantes da forma que determinarem. Os métodos da teoria fundamentada têm a vantagem adicional de conter diretrizes explícitas, as quais nos indicam a forma *como* devemos proceder.

Os intrigantes comentários de Margie Arlen, sobre como aprender a ocupar-se de outras pessoas e a limitar as suas próprias atividades, podem servir como pontos de partida à análise bem como para uma nova coleta de dados. Em entrevistas subsequentes, escutaríamos as histórias de outros jovens que tivessem sofrido perdas físicas recentes e investigaríamos como eles administram as suas vidas alteradas. Se possível, acrescentaríamos dados etnográficos ao reunir os nossos participantes de pesquisa enquanto estivessem na escola, na fisioterapia, em um grupo de apoio ou mesmo apenas passando um tempo com os amigos. Como os jovens reagem a uma doença grave e à deficiência?

O que contribui para as suas diferentes respostas? Levantamos questões que procedem do fato de refletirmos sobre os dados que coletamos e que dão forma aos dados que desejamos obter.

Como pesquisadores adeptos à teoria fundamentada, estudamos os nossos primeiros dados e começamos a separar, classificar e sintetizar esses dados por meio da codificação qualitativa. Codificar significa associar marcadores a segmentos de dados que representam aquilo de que se trata cada um dos segmentos. A codificação refina os dados, classifica-os e nos fornece um instrumento para que assim possamos estabelecer comparações com outros segmentos de dados. Os pesquisadores que utilizam a teoria fundamentada enfatizam aquilo que ocorre na cena no momento em que codificam os dados.

Diversos códigos iniciais destacaram-se para mim na entrevista de Margie: “sendo modificado”, “concentrando-se naquilo que é importante”, e “aprendendo sobre os limites”. Esses códigos e as nossas ideias acerca deles indicam áreas a serem investigadas durante a coleta de dados subsequente. Poderíamos comparar os eventos e opiniões relatados por Margie – e os nossos códigos com a próxima pessoa que entrevistarmos, a pessoa seguinte e o texto.

Ao estabelecermos e codificarmos numerosas comparações, a nossa compreensão analítica dos dados começa a tomar forma. Redigimos anotações analíticas preliminares sobre nossos códigos e comparações, bem como qualquer outra ideia que nos ocorra sobre nossos dados – essas anotações são os chamados memorandos. Com o estudo dos dados, a comparação destes e a redação dos memorandos, definimos as ideias que melhor se ajustam e interpretam os dados como categorias analíticas provisórias. Quando surgem questões inevitáveis e aparecem lacunas em nossas categorias, buscamos dados que resolvam essas questões e que possam preencher as lacunas. Podemos voltar a Margie e aos demais participantes da pesquisa para que possamos compreender melhor e fortalecer nossas categorias analíticas. Conforme prosseguimos, nossas categorias não apenas coalescem à medida que interpretamos os dados coletados, mas também tornam-se mais sistematizadas, uma vez que passamos por níveis sucessivos de análise.

Nossas categorias analíticas e as relações delas extraídas nos fornecem um instrumento conceitual sobre a experiência estudada. Sendo assim, construímos níveis de abstração diretamente dos dados e, posteriormente, reunimos dados adicionais para verificar e refinar as nossas categorias analíticas geradas a partir disso. Nosso trabalho culmina em uma “teoria fundamentada” ou em uma compreensão teórica da experiência estudada. Os comentários feitos por Margie podem nos iniciar em uma jornada de pesquisa – a realização da análise comparativa e a elaboração das nossas categorias promovem o nosso desenvolvimento. Em resumo, os métodos da teoria fundamentada desmistificam o procedimento da investigação qualitativa – e aceleram a sua pesquisa, intensificando o seu estímulo em relação a ela.

O SURGIMENTO DA TEORIA FUNDAMENTADA

O contexto histórico

Os métodos da teoria fundamentada surgiram a partir da exitosa colaboração dos sociólogos Barney G. Glaser e Anselm L. Strauss (1965, 1967) durante os seus estudos do processo da morte em hospitais (ver Glaser e Strauss, 1965, 1968; Strauss e Glaser, 1970). Nos Estados Unidos, no início dos anos de 1960, os funcionários dos hospitais raramente falavam sobre, ou mesmo reconheciam, a morte e o processo da morte nos pacientes gravemente doentes. A equipe de pesquisa de Glaser e Strauss observou a forma como ocorreu o processo da morte em diversos ambientes hospitalares; observaram como e quando os profissionais e seus pacientes terminais tomavam conhecimento do fato de estarem morrendo, e a forma como lidavam com essa informação. Glaser e Strauss deram aos seus dados um tratamento analítico explícito e produziram análises teóricas sobre a organização social e a disposição temporal da morte. Eles investigaram ideias analíticas em longas conversas e compartilharam suas anotações preliminares ao analisarem as observações feitas em campo. À medida que construía as suas análises do processo da morte, eles desenvolveram estratégias metodológicas sistemáticas que poderiam ser adotadas por cientistas sociais para o estudo de muitos outros temas. O livro de Glaser e Strauss, *The discovery of grounded theory* (1967), primeiro articulou essas estratégias e defendeu o *desenvolvimento* de teorias a partir da pesquisa baseada em dados, em vez da *dedução* de hipóteses analisáveis a partir de teorias existentes.

Glaser e Strauss ingressaram no cenário metodológico em um período oportuno, pois a pesquisa qualitativa perdia terreno na Sociologia. Em meados da década de 1960, a longa tradição da pesquisa qualitativa na Sociologia havia enfraquecido, à medida que os sofisticados métodos quantitativos ganhavam relevância nos Estados Unidos e os estudiosos da metodologia quantitativa reinavam nos departamentos, nos conselhos editoriais de publicações periódicas e nas agências financiadoras. Apesar da reverência concedida a algumas estrelas qualitativas, da presença de vários programas doutorais qualitativos sólidos e de críticas agudas à quantificação, por parte de teóricos críticos, a disciplina marchou em direção à definição da pesquisa em termos quantitativos.

Quais espécies de pressupostos metodológicos apoiaram o movimento em direção à quantificação? Cada forma de conhecimento depende de uma teoria sobre como as pessoas elaboram o conhecimento. As crenças em um método unitário de observação sistemática, em experimentos passíveis de repetição, em definições operacionais de conceitos, em hipóteses logicamente deduzidas e em indícios confirmados – muitas vezes tidos como o método científico – deram forma aos pressupostos que sustentam os métodos quantitativos. Esses

pressupostos fortaleceram o positivismo, paradigma dominante de investigação de uso geral das ciências naturais.

As concepções positivistas, de meados do século passado, a respeito do método científico e do conhecimento destacaram a objetividade, a generalidade, a réplica da pesquisa e a falsificação de hipóteses e teorias concorrentes. Os pesquisadores sociais que adotaram o paradigma positivista tinham como objetivo descobrir explicações causais e realizar previsões sobre um mundo externo e conhecível. Suas crenças na lógica científica, em um método unitário, na objetividade e na verdade legitimaram a redução das qualidades da experiência humana a variáveis quantificáveis. Dessa forma, os métodos positivistas pressupunham um observador imparcial e passivo, o qual coletava fatos sem ter participação na criação destes, a separação dos fatos dos valores, a existência de um mundo externo separado de observadores científicos e seus métodos, e o acúmulo de conhecimento passível de generalização a respeito deste mundo. O positivismo induziu a uma busca de instrumentos válidos, procedimentos técnicos, planos de pesquisa passíveis de repetição e de conhecimento quantitativo verificável.

Apenas as formas de conhecimento estreitamente científicas, isto é, quantitativas, asseguravam a validade para os positivistas; eles rejeitaram outras formas possíveis de conhecimento, como a interpretação de significados ou as realizações intuitivas. Sendo assim, a pesquisa qualitativa, que analisava e interpretava os significados dos participantes da pesquisa, despertou as discussões quanto ao seu valor científico. Os pesquisadores quantitativos dos anos de 1960 viam a pesquisa qualitativa como impressionista, anedótica, não sistemática e tendenciosa. A prioridade atribuída por eles à reprodução e à verificação resultou na desconsideração dos problemas humanos e das questões de pesquisa que não se ajustavam aos planos de pesquisa positivistas. Se, de alguma forma, os defensores da quantificação reconheciam a pesquisa qualitativa, tratavam-na como um exercício preliminar para aprimorar os instrumentos quantitativos. Dessa forma, alguns pesquisadores quantitativos utilizaram entrevistas ou observações como apoio para projetarem pesquisas mais exatas ou experimentos mais eficazes.

Conforme o positivismo ganhou força em meados do século passado, a divisão entre a teoria e a pesquisa cresceu simultaneamente. Um número cada vez maior de pesquisadores quantitativos concentrou-se na obtenção de informações concretas. Aqueles pesquisadores quantitativos que associaram teoria e pesquisa testaram hipóteses logicamente deduzidas a partir de uma teoria existente. Embora aprimorassem tal teoria, as suas pesquisas raramente levavam a uma nova construção de teoria.

O desafio de Glaser e Strauss

Em *The discovery of grounded theory*, Glaser e Strauss opuseram-se aos pressupostos metodológicos predominantes da época. Nesse livro, os au-

tores manifestaram um enunciado de vanguarda, pois contestaram noções de consenso metodológico e ofereceram estratégias sistemáticas para a prática da pesquisa qualitativa. Essencialmente, Glaser e Strauss integraram a crítica epistemológica com as diretrizes práticas para a ação. Eles propuseram que a análise qualitativa sistemática tivesse sua própria lógica e pudesse gerar teoria. Em especial, Glaser e Strauss pretenderam construir explicações teóricas abstratas dos processos sociais.

Para Glaser e Strauss (1967; Glaser, 1978; Strauss, 1987), os componentes determinantes da prática da teoria fundamentada abrangem:

- O envolvimento simultâneo na coleta e na análise dos dados.
- A construção de códigos e categorias analíticas a partir dos dados, e não de hipóteses preconcebidas e logicamente deduzidas.
- A utilização do método comparativo constante, que compreende a elaboração de comparações durante cada etapa da análise.
- O avanço no desenvolvimento da teoria em cada passo da coleta e da análise dos dados.
- A redação de memorandos para elaborar categorias, especificar as suas propriedades, determinar relações entre as categorias e identificar lacunas.
- A amostragem dirigida à construção da teoria, e não visando à representatividade populacional.
- A realização da revisão bibliográfica *após* o desenvolvimento de uma análise independente.

Empenhar-se nessas práticas ajuda os pesquisadores a controlarem os seus processos de pesquisa e a ampliarem o poder analítico dos seus trabalhos (ver também Bigus, Hadden e Glaser, 1994; Charmaz, 1983, 1990, 1995b, 2003; Glaser, 1992, 1994; Glaser e Strauss, 1967; Stern, 1994b; Strauss, 1987; Strauss e Corbin, 1990, 1994). Glaser e Strauss visaram a deslocar a investigação qualitativa para além dos estudos descritivos, e em direção à esfera dos arranjos teóricos explanatórios e, com isso, produzir compreensões abstratas e conceituais dos fenômenos estudados. Eles estimularam os pesquisadores iniciantes, adeptos à teoria fundamentada, a desenvolverem teorias novas e, dessa forma, defenderam o adiamento da revisão bibliográfica com o objetivo de evitar que os pesquisadores percebessem o mundo pela lente das ideias já existentes. A teorização de Glaser e Strauss contrastou com a teorização de poltrona e lógico-dedutiva, uma vez que eles iniciaram com os dados e sistematicamente elevaram o nível conceitual de suas análises, enquanto mantinham uma sólida base nos dados. Coerente com o seu raciocínio, uma *teoria fundamentada* completa deveria cumprir os seguintes critérios: ter um ajuste adequado aos dados, utilidade, densidade conceitual, durabilidade ao longo do tempo, ser passível de alterações e apresentar poder explicativo (Glaser, 1978, 1992; Glaser e Strauss, 1967).

O livro *The discovery of grounded theory* (1967) forneceu um argumento poderoso que legitimou a pesquisa qualitativa como uma abordagem metodológica confiável em si mesma e não meramente uma precursora à elaboração de instrumentos quantitativos. Nesse livro, Glaser e Strauss (1967) contestaram:

- As crenças que consideravam os métodos qualitativos como impressionistas e não sistemáticos.
- A separação das fases de coleta e análise dos dados.
- As visões dominantes da pesquisa qualitativa como precursora para métodos quantitativos mais “rigorosos”.
- A divisão arbitrária entre teoria e pesquisa.
- As suposições de que a pesquisa qualitativa não pudesse gerar teoria.

Glaser e Strauss aperfeiçoaram os procedimentos analíticos e as estratégias de pesquisa implícitos de pesquisadores qualitativos anteriores a eles, tornando-os explícitos. Durante a primeira metade do século XX, os pesquisadores qualitativos haviam ensinado gerações de estudantes por meio da orientação e da imersão prolongada no campo de pesquisa (Rock, 1979). As orientações prévias à realização da pesquisa de campo tratavam, primariamente, dos métodos de coleta de dados e dos papéis de membros dos pesquisadores nos ambientes de campo. Os autores pouco relataram aos seus leitores sobre como lidar com as pilhas de dados coletados. As diretrizes escritas por Glaser e Strauss sobre a condução da pesquisa qualitativa modificaram a tradição oral e tornaram acessíveis as diretrizes analíticas.

A combinação de tradições disciplinares divergentes

A teoria fundamentada alia duas tradições opostas, e concorrentes, da sociologia, conforme representado por cada um de seus criadores: de um lado, o positivismo da Universidade de Colúmbia, e, de outro, o pragmatismo e a pesquisa de campo da escola de Chicago. Os pressupostos epistemológicos, a lógica e a abordagem sistemática dos métodos da teoria fundamentada refletem a formação quantitativa rigorosa de Glaser na Universidade de Colúmbia, com Paul Lazarsfeld. Glaser teve a intenção de codificar os métodos da pesquisa qualitativa, da mesma forma como Lazarsfeld havia codificado a pesquisa quantitativa (ver, por exemplo, Lazarsfeld e Rosenberg, 1955). Codificar os métodos da pesquisa qualitativa acarretava especificar estratégias explícitas para a condução da pesquisa e, portanto, desmistificar o processo da pesquisa.

Glaser defendeu também a elaboração de teorias úteis “de médio alcance”, como havia proposto o teórico Robert K. Merton (1957), da Universidade de Colúmbia. As teorias de médio alcance consistiam em versões abstratas de fenômenos sociais específicos baseados em dados. Essas teorias de médio

alcance contrastavam com as “grandes” teorias da sociologia de meados do século, as quais vasculharam as sociedades, mas não se baseavam em dados sistematicamente analisados.

Glaser imbuíu a teoria fundamentada de empirismo controlado, de rigorosos métodos codificados, de ênfase nas descobertas emergentes e da sua respectiva, e um tanto ambígua, linguagem especializada que ecoa os métodos quantitativos. Embora a obra *The discovery of grounded theory* tenha transformado os debates metodológicos e inspirado gerações de pesquisadores qualitativos, foi o livro de Glaser, *Theoretical sensitivity* (1978), que forneceu o primeiro enunciado mais definitivo sobre o método.

Entretanto, a herança da escola de Chicago de Strauss também permeia o método da teoria fundamentada. Strauss viu os seres humanos como agentes ativos em suas vidas e em suas esferas de vida, e não como receptores passivos de forças sociais maiores. Ele partiu do princípio de que o processo, e não a estrutura, era fundamental à existência humana. De fato, os seres humanos criaram estruturas por meio do seu engajamento em processos. Para Strauss, os significados sociais subjetivos baseavam-se no uso da linguagem e emergiam por meio da ação. A construção da ação foi o problema central a ser tratado. Em resumo, Strauss levou para a teoria fundamentada as noções da atividade humana, dos processos emergentes, das significações sociais e subjetivas, das práticas da solução de problemas e do estudo irrestrito da ação.

Todas essas ideias refletiram a tradição filosófica pragmatista que Strauss abraçou durante o seu curso de doutorado na Universidade de Chicago (Blumer, 1969; Mead, 1934). O pragmatismo anunciou o interacionismo simbólico, uma perspectiva teórica que compreende que a sociedade, a realidade e o indivíduo são construídos por meio da interação e, assim, conta com a linguagem e a comunicação. Essa perspectiva pressupõe que a interação é inerentemente dinâmica e *interpretativa*, e trata de como as pessoas criam, representam e modificam os significados e as ações. Considere a forma como Margie Arlen relatou a reinterpretação daquilo que havia se tornado importante para ela e, por consequência, modificado as suas ações. O interacionismo simbólico pressupõe que as pessoas possam refletir, e de fato reflitam, sobre as suas ações, e não apenas respondam de forma mecânica a estímulos. Com a influência de Herbert Blumer e Robert Park, Strauss adotou tanto o interacionismo simbólico quanto o legado de Chicago da pesquisa etnográfica (Park e Burgess, 1921).

Glaser aplicou as suas habilidades analíticas para codificar a análise qualitativa e, assim, elaborou diretrizes específicas para a sua realização. Glaser e Strauss compartilhavam um aguçado interesse em estudar os processos sociais fundamentais ou psicossociais dentro de um ambiente social ou de uma determinada experiência, como o caso de ser portador de uma doença crônica. Dessa forma, para eles, uma teoria fundamentada concluída explica o processo estudado em novos termos teóricos, explica as propriedades das

categorias teóricas e, muitas vezes, demonstra as causas e as condições nas quais o processo surge e varia, delineando as suas consequências.

A maioria das teorias fundamentadas compõe-se de teorias substantivas por tratarem de problemas delimitados em áreas substantivas específicas, como um estudo sobre como jovens que recentemente tornaram-se deficientes reconstróem suas identidades. A lógica da teoria fundamentada pode alcançar áreas substantivas e o domínio da teoria formal, o que significa gerar conceitos abstratos e especificar as relações entre eles para compreender os problemas em múltiplas áreas substantivas (ver Kearney, 1998). Por exemplo, se desenvolvemos uma teoria da perda e da reconstrução da identidade entre jovens com novas deficiências físicas, poderíamos considerar as nossas categorias em outras áreas da vida nas quais as pessoas tenham experienciado uma perda importante súbita, tal como ocorre no caso da morte súbita de uma pessoa próxima, da dispensa do trabalho ou da perda de moradia em função de alguma catástrofe natural. Cada investigação dentro de uma nova área substantiva pode nos ajudar a refinar a teoria formal. A lógica de Glaser e Strauss os levou à teorização formal ao adotarem as categorias teóricas que haviam desenvolvido sobre a condição de transição durante os seus estudos do processo da morte, analisando-o como um processo genérico que permeia variadas áreas substantivas (ver Glaser e Strauss, 1971).

O livro *Discovery* encontrou bastante receptividade e tornou-se um argumento de peso para fomentar a “revolução qualitativa” (Denzin e Lincoln, 1994, ix) que ganhou força durante todo o final do século XX. As estratégias explícitas e o apelo de Glaser e Strauss em relação ao desenvolvimento de teorias a partir dos dados qualitativos espalharam-se por todas as disciplinas e profissões. O livro deles inspirou as novas gerações de cientistas sociais e de profissionais, em especial profissionais da área da Enfermagem, a adotarem a pesquisa qualitativa. Muitos estudantes de doutorado em Enfermagem da Universidade da Califórnia, em São Francisco, aprenderam os métodos da teoria fundamentada com Glaser e Strauss e, mais tarde, tornaram-se referências em suas profissões e especialistas em investigação qualitativa (ver Chenitz e Swanson, 1986; Schreiber e Stern, 2001).

Desdobramentos da teoria fundamentada

Desde os seus enunciados clássicos em 1967 (Glaser e Strauss) e 1978 (Glaser), Glaser e Strauss passaram a considerar a teoria fundamentada em direções relativamente divergentes (Charmaz, 2000). Durante anos, Glaser permaneceu coerente com sua exegese inicial do método e, dessa forma, definiu a teoria fundamentada como um método de descoberta, tratou as categorias como algo cujo surgimento se dava a partir dos dados, baseou-se no empirismo objetivo e, muitas vezes, restrito, e analisou um processo social básico. Strauss (1987) deslocou o método para a verificação, sendo que seus

trabalhos como coautor junto de Juliet M. Corbin (Corbin e Strauss, 1990; Strauss e Corbin, 1990, 1998) promoveram esse direcionamento.

A versão da teoria fundamentada de Strauss e Corbin favorece também os seus novos procedimentos técnicos, em vez de enfatizar os métodos comparativos que primeiramente distinguiram as estratégias da teoria fundamentada. Glaser (1992) argumenta que os procedimentos de Strauss e Corbin forçam os dados e a análise a categorias preconcebidas e, dessa forma, contradizem os princípios fundamentais da teoria fundamentada. Apesar das muitas objeções de Glaser à versão de Strauss e Corbin, o livro serve como um enunciado vigoroso do método e tem instruído estudantes de graduação em todo o mundo.

Nos anos de 1960, Glaser e Strauss combateram a dominação da pesquisa quantitativa positivista. Ironicamente, por volta da década de 1990, a teoria fundamentada ficou conhecida não apenas por seu rigor e sua utilidade, mas também por *seus* pressupostos positivistas. Obteve aceitação por parte de pesquisadores quantitativos que, muitas vezes, a adotam para projetos que envolvem a utilização de métodos combinados. A flexibilidade e a legitimidade dos métodos da teoria fundamentada continuam atraindo pesquisadores qualitativos com variados interesses teóricos e substantivos.

Entretanto, um número cada vez maior de estudiosos tem afastado a teoria fundamentada do positivismo, tanto na versão do método apresentada por Glaser como na versão de Strauss e Corbin (ver Bryant, 2002, 2003; Charmaz, 2000, 2002a, 2006a; Clarke, 2003, 2005; Seale, 1999). Como qualquer recipiente no qual diferentes conteúdos possam ser vertidos, os pesquisadores podem utilizar as diretrizes básicas da teoria fundamentada como a codificação, a redação de memorandos e a amostragem para o desenvolvimento de teoria, sendo que os métodos comparativos são, de muitas formas, neutros.

As diretrizes da teoria fundamentada descrevem as etapas do processo de pesquisa, além de fornecerem um caminho para esse processo. Os pesquisadores podem adotá-los e adaptá-los para a realização de estudos diversos. A forma *como* os pesquisadores utilizam essas diretrizes não é neutra; nem o são os pressupostos que eles levam para as suas pesquisas e organizam durante o processo. Antony Bryant (2002) e Adele Clarke (2003, 2005) unem-se a mim na argumentação de que podemos utilizar as diretrizes básicas da teoria fundamentada com os pressupostos e as abordagens metodológicas do século XXI. Este livro explora o desafio de como realizar isso.

A CONSTRUÇÃO DA TEORIA FUNDAMENTADA

Em seu enunciado original do método, Glaser e Strauss (1967) convidaram seus leitores a utilizarem estratégias da teoria fundamentada de forma flexível, cada qual ao seu próprio modo. Aceito o convite dos autores e volto

à ênfase anterior da teoria fundamentada, sobre a análise dos processos, ao tornar central o estudo da ação e criar compreensões interpretativas abstratas dos dados. Este livro fornece *um* modo de fazer teoria fundamentada, o qual considera os avanços teóricos e metodológicos das décadas passadas.

Vejo os métodos da teoria fundamentada como um conjunto de princípios e práticas, não como pacotes ou prescrições prontas. Nos capítulos seguintes, destaco as diretrizes flexíveis, e não as regras, receitas e exigências metodológicas. Ao longo de nossa jornada pelo processo de pesquisa, tenho como objetivo esclarecer o que a teoria fundamentada faz e mostrar a você como fazemos isso. Em função disso, discuto as diretrizes ao longo dos capítulos subsequentes de modo suficientemente detalhado para que você possa utilizá-las à sua própria maneira e avaliá-las com segurança.

Os métodos da teoria fundamentada podem completar outras abordagens da análise de dados qualitativos, em vez de estarem em oposição a eles. Ocasionalmente, valho-me de excelentes exemplos extraídos de estudos qualitativos cujos autores não declaram qualquer fidelidade à teoria fundamentada ou cujo trabalho escrito reconhece apenas os aspectos específicos da abordagem. Esses autores conseguem proporcionar um olhar imaginativo e uma voz incisiva aos seus estudos – e, dessa forma, inspiram um trabalho consistente. Os seus trabalhos transcendem os seus círculos imediatos.

Os textos clássicos da teoria fundamentada de Glaser e Strauss (1967) e Glaser (1978) fornecem um método explícito para a análise de processos. Falei sobre o processo da pesquisa e o estudo do processo, mas o que é um processo? Um processo é constituído por sequências temporais reveladas que podem apresentar limites identificáveis com inícios e finais claros e marcas de referência entre eles. As sequências temporais estão associadas a um determinado processo e o levam à modificação. Assim, eventos individuais tornam-se associados como parte de uma totalidade mais ampla. Mesmo o processo mais arregimentado pode conter surpresas, porque o presente resulta do passado, mas nunca é exatamente a mesma coisa. O presente surge com novas características (Mead, 1932). Assim, a experiência e o resultado de um processo específico apresentam algum grau de indeterminação, por menor que seja.

Em todo o livro, baseio-me em minhas discussões anteriores em relação ao método da teoria fundamentada (ver Charmaz, 1990, 2000, 2002a, 2003, 2005) e em uma perspectiva teórica interacionista simbólica. A teoria fundamentada serve como um modo de aprendizagem sobre os mundos que estudamos e como um método para a elaboração de teorias para compreendê-los. Nos trabalhos clássicos da teoria fundamentada, Glaser e Strauss falam sobre a descoberta da teoria como algo que surge dos dados, isolado do observador científico. Diferentemente da postura deles, compreendo que nem os dados nem as teorias são descobertos. Ao contrário, somos parte do mundo o qual estudamos e dos dados os quais coletamos. Nós *construímos* as nossas

teorias fundamentadas por meio dos nossos envolvimentos e das nossas interações com as pessoas, as perspectivas e as práticas de pesquisa, tanto passados e como presentes.

Minha abordagem admite, de modo explícito, que qualquer versão teórica oferece um retrato *interpretativo* do mundo estudado, e não um quadro fiel dele (Charmaz, 1995b, 2000; Guba e Lincoln, 1994; Schwandt, 1994). Os significados implícitos dos participantes de pesquisa, bem como as suas opiniões sobre as suas próprias experiências – e as teorias fundamentadas concluídas dos pesquisadores – são construções da realidade. De acordo com os seus antecedentes da escola de Chicago, defendo um embasamento nos fundamentos pragmatistas para a teoria fundamentada e o desenvolvimento das análises interpretativas que reconhecem essas construções.

UMA VISÃO GERAL DA CONSTRUÇÃO DA TEORIA FUNDAMENTADA

A organização deste livro reproduz a lógica da teoria fundamentada de forma linear. Começamos pela coleta de dados e concluímos com a redação das nossas análises e a reflexão sobre todo o processo. Na prática, no entanto, o processo da pesquisa não é tão linear. Os pesquisadores que utilizam a teoria fundamentada param e escrevem sempre que as ideias lhes ocorrem. Algumas de nossas melhores ideias podem acontecer em fases posteriores ao processo e atrair-nos de volta ao campo, visando à obtenção de uma perspectiva mais aprofundada. Com frequência, descobrimos que o nosso trabalho sugere que busquemos mais de uma direção analítica. Dessa forma, podemos nos concentrar em determinadas ideias primeiro e concluir um artigo ou um projeto a respeito delas para, posteriormente, voltarmos aos dados e às análises inacabadas em outra área. Ao longo deste livro, considero os métodos da teoria fundamentada como algo que constitua um ofício exercido pelos pesquisadores. Como qualquer ofício, os profissionais variam nas suas respectivas ênfases em um ou outro aspecto, mas que, tomados em conjunto, compartilham a existência de atributos comuns, aos quais me dedico neste livro (ver Figura 1.1).

O Capítulo 2, “Coletando dados relevantes”, examina as decisões relativas a como iniciar e como escolher abordagens para a coleta de dados. Os pesquisadores podem utilizar as estratégias da teoria fundamentada com vários métodos de coleta de dados. Discuto esses métodos enquanto instrumentos a serem utilizados e não como receitas a serem seguidas. Defendo a coleta de dados relevantes – detalhados e completos –, estabelecendo-os em seus contextos situacionais e sociais relevantes. Este capítulo introduz diversas das principais abordagens da coleta de dados e fornece diretrizes para o uso dos dados com o objetivo de estudar o modo como as pessoas compreendem as suas circunstâncias e a forma como atuam nestas.

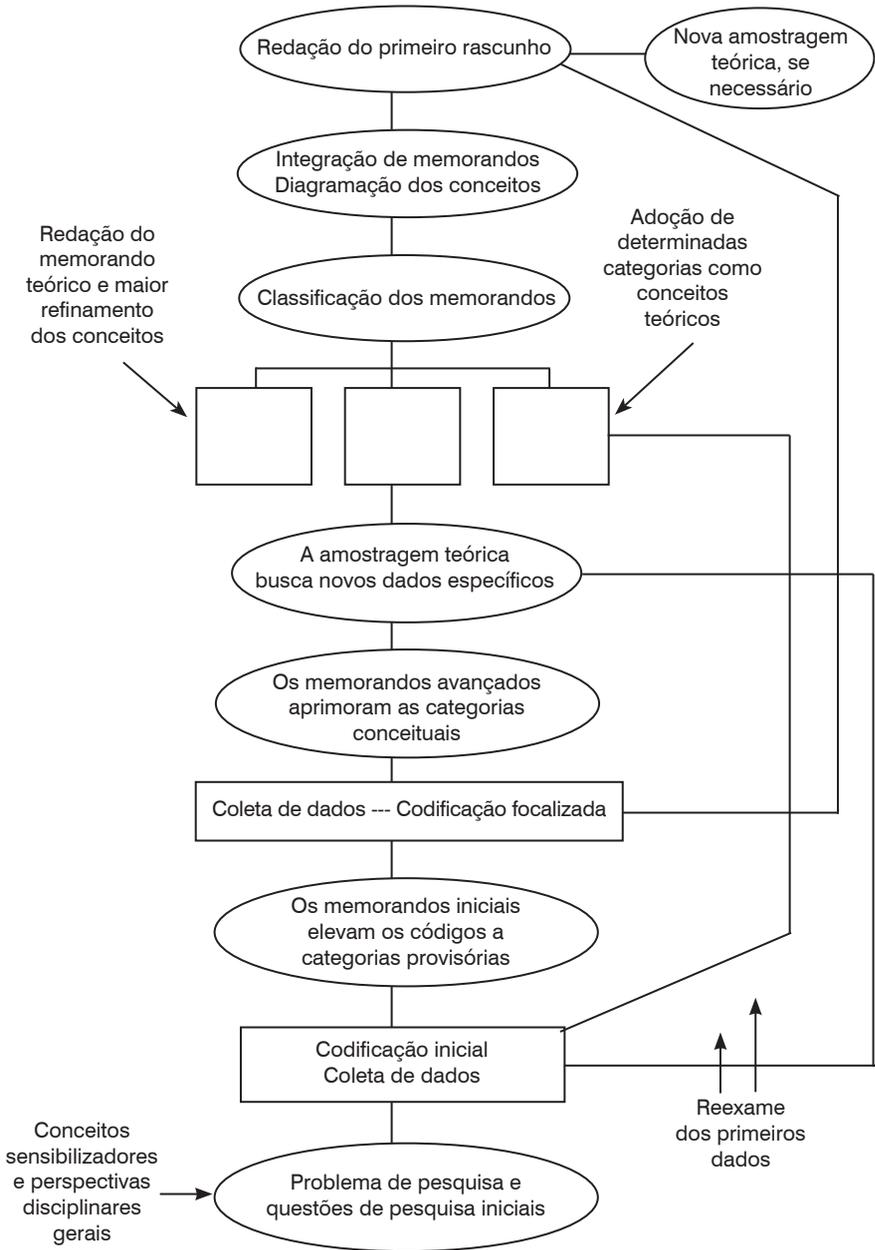


Figura 1.1 O processo da teoria fundamentada.

Conforme aprendemos como os nossos participantes de pesquisa percebem as suas experiências, começamos a ter uma compreensão analítica das suas ações e dos seus significados. O Capítulo 3, “Codificação na prática da teoria fundamentada”, mostra como realizar a codificação e, assim, classificar pequenas quantidades de dados de acordo com o que eles indicam. O capítulo concentra-se nos dois tipos principais de codificação da teoria fundamentada: 1) a codificação linha a linha inicial, uma estratégia que induz o pesquisador a estudar os seus dados rigorosamente – linha a linha – e a começar a conceituar as suas ideias e 2) a codificação focalizada, que permite ao pesquisador separar, classificar e sintetizar grandes quantidades de dados.

Determinados códigos cristalizam os significados e as ações nos dados. A redação de anotações extensivas, os chamados memorandos, sobre os códigos significativos auxiliam você a desenvolver as suas ideias. No Capítulo 4, “Redação do memorando”, mostro como os pesquisadores que utilizam a teoria fundamentada desmembram esses códigos e os analisam nos memorandos. Você escreve memorandos ao longo de toda a sua pesquisa. Os memorandos fornecem formas para comparar os dados, explorar as ideias sobre os códigos e direcionar a nova coleta de dados. Conforme trabalha com os seus dados e códigos, você se torna progressivamente mais analítico quanto à forma como lida com eles e, assim, você eleva determinados códigos a categorias conceituais.

O Capítulo 5, “Amostragem teórica, saturação e classificação”, explica a amostragem teórica, a estratégia da teoria fundamentada para a obtenção de outros dados mais seletivos a fim de refinar e completar as suas categorias principais. Neste capítulo, questiono também o significado da saturação teórica com a indicação de que não surgem novas propriedades da categoria durante a coleta de dados. A seguir, discuto a classificação dos memorandos para ajustar as categorias teóricas e revelar as relações que integram o trabalho. Introduzo a representação gráfica porque é cada vez maior o número de pesquisadores adeptos à teoria fundamentada que a utilizam como um modo alternativo para integrar as suas ideias e estabelecer a lógica da sua organização.

O Capítulo 6, “Reconstrução da teoria nos estudos de teoria fundamentada”, requer que você reavalie o que a teoria significa. Exploro os significados da teoria nas ciências sociais e os conceitos da teorização na teoria fundamentada. Justaponto as formas positivista e interpretativa da teoria fundamentada para esclarecer como essas formas contrastantes de análise procedem de pontos de partida distintos. O capítulo termina com a apresentação de uma discussão de três exemplos de teorização na teoria fundamentada e de uma reconstrução das suas respectivas lógicas teóricas. Cada exemplo se distingue por sua ênfase teórica, escopo e alcance, mas, tomados em conjunto, eles demonstram a versatilidade e a utilidade dos métodos da teoria fundamentada.

O Capítulo 7, “Redação do manuscrito”, explica as diferenças entre a redação para a elaboração de uma análise e a redação destinada a um

determinado público. As estratégias da teoria fundamentada levam você a se concentrar em sua análise e não em discussões a ela relacionadas, a retardar a revisão da bibliografia e a construir uma teoria original que interpreta os seus dados. Essas estratégias contradizem as exigências tradicionais para a apresentação da pesquisa. O capítulo reconcilia a tensão entre métodos da teoria fundamentada e as formas tradicionais de apresentação das ciências sociais ao oferecer diretrizes para a construção de argumentos, para a revisão bibliográfica e para a elaboração de um esquema teórico. O capítulo termina tratando de caminhos para a representação das nossas ideias através da escrita.

Por fim, o Capítulo 8, “Refletindo sobre o processo de pesquisa”, discute os critérios para avaliação das teorias fundamentadas como produtos da pesquisa e conclui o livro com questionamentos sobre a nossa busca pelo conhecimento e um convite à ação.

E agora tem início a nossa jornada pelo processo da pesquisa...

NOTA

- 1 A minha definição de processo aproxima-se em muito das noções pragmáticas surgidas e concorda em parte com aspectos das opiniões variadas expressas por Russell Kelley, Dan E. Miller, Dennis Waskul, Angus Vail e Phillip Vannini em uma lista da discussão no SSSITalk, em 25 de janeiro de 2005. (www.soci.niu.edu/~archives/SSSITALK).